

ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO UNIVERSO ESCOLAR

JOHNY ASSUNÇÃO TOMÉ

Estudante de Graduação no curso de História, bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: johny_assuncao@hotmail.com

EZEQUIAS CARDOZO DA CUNHA JUNIOR

Estudante de Graduação no curso de Ciências Biológicas, bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: juniorcardozo@bio.ufu.br

DARLENE PEREIRA COSTA CARDOZO

Graduada no curso de História na Universidade Federal de Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia. Professora Orientadora: Jorgetânia da Silva Ferreira.
E-mail: darlenedivina@yahoo.com.br

Introdução

Esse trabalho é resultado da observação e análise realizada pelos alunos e bolsistas do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), promovido pela Universidade Federal de Uberlândia em parceria com os professores da Escola Estadual do Parque São Jorge, na cidade de Uberlândia, no início do ano letivo de 2013.

No transcorrer do projeto foram perceptíveis as dificuldades que os alunos tinham em ler, interpretar e representar o mundo que vivem. Ao debruçar nessa problemática, várias indagações surgiram no imaginário dos bolsistas. É possível ensinar os discentes a estudarem? Como esfacelar a desmotivação, na contemporaneidade de docentes e discentes no processo de ensino e aprendizagem? Quais metodologias poderiam ser desenvolvidas para minimizar essa problemática que permeia o universo escolar?

Ao falar das práticas e representações sociais é impossível não enfatizar as análises de Roger Chartier (1990) engendradas numa concepção que as relações de produção de prática e representação englobam todos os aspectos pormenores da sociedade, que é a proposta central da história cultural. Sob esse prisma, o projeto objetiva uma reflexão sobre as diversas realidades cons-

tituídas no ambiente escolar, os discursos linguísticos e a cultura entendida como práticas e representações, bem como desenvolver novas metodologias de ensino que promovam a interpretação da realidade dos discentes, voltadas para técnica de leitura que impulse a assimilação e a transmissão de informação e conhecimento, no sentido de desenvolver a criticidade.

Para o autor “(...) um leitor comum também está produzindo cultura. A leitura, enfim, é prática criadora (...)”. Foram promovidos encontros semanais com oficinas de leitura e escrita, análises cinematográficas e rodas de conversa que propuseram leituras individuais e em grupo. Foi através dos encontros, dos debates e de diversos discursos linguísticos que foi possível a compreensão de que “(...) uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção”.

A dinâmica estabelecida na Escola Estadual do Parque funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. A atuação dos bolsistas do PIBID foi direcionada aos turnos matutino e noturno, uma vez que o projeto contempla o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

É importante ressaltar que durante todo o processo desenvolvido no projeto dos bolsistas do PIBID, o corpo docente da escola se prontificou a colaborar com novas perspectivas, como por exemplo, concursos, ações e projetos.

Em 2011 uma estudante da Escola Estadual do Parque São Jorge, foi selecionada como ganhadora do concurso de redação promovido pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). O tema era “Eu, minha cidade e os 300 anos do ciclo do ouro em Minas”. Cada escola poderia enviar apenas uma carta do ensino médio e outra do ensino fundamental, a seleção foi feita pela própria Superintendência Regional de Ensino (SRE).

Em 2012 a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Correios) promoveu o 41º Concurso Internacional de Redação de Car-

tas, com “o objetivo de desenvolver a habilidade de composição dos jovens e contribuir para o estreitamento das relações de amizade internacionais e aprimorar a comunicação por meio da escrita”.¹ Os estudantes da escola que se englobavam no perfil de candidato do edital, escreveram uma carta para um atleta ou uma personalidade esportiva relatando a importância que as Olimpíadas tinham para eles. O resultado do Concurso foi muito comemorado na escola, uma discente da 2ª série do Ensino Médio foi selecionada como a primeira colocada do estado de Minas Gerais no concurso.

[...] O uso da literatura multicultural em sala de aula tem muito a acrescentar. Além de ajudar a desenvolver uma compreensão sobre questões universais, especialmente com relação a diferentes povos e culturas, também proporciona ao estudante a oportunidade de desenvolver uma sensibilidade às diferenças e uma consciência crítica acerca dos temas abordados [...] (NAIDITCH, p. 26, 2009).

A leitura na escola além das questões metodológicas da escrita, da agregação de vocabulário, possibilita uma nova visão crítica sobre as temáticas abordadas, e conseqüentemente, a consolidação sensitiva da alteridade.

Alfabetização e Letramento

De acordo com Soares (1999, p.16) existe uma familiarização das pessoas com palavras utilizadas com maior frequência, como por exemplo, a alfabetização, analfabetismo e tantos outros. No entanto, de acordo com uma pesquisa feita na escola tratada nesse projeto, poucos estudantes conhecem o conceito correto dessas palavras.

O *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, define a palavra *Analfabeto* como “*adj. e s.m. Que não sabe ler nem escrever*”.

¹ <http://www.correios.com/sobreCorreios/sustentabilidade/vertenteSocial/concursoInternacionalRedacao.cfm>. (Acesso em: 15 Junho 2013)

Nessa perspectiva, após várias pesquisas bibliográficas, os bolsistas realizaram uma nova pesquisa para verificar a existência de alunos analfabetos e o grau de letramento dos mesmos, sob essa lógica foi possível concluir que todos os discentes são alfabetizados, ou seja, a alfabetização é caracterizada pela aquisição de códigos para a leitura e a escrita.

O letramento se caracteriza pela existência de uma sociedade de cultura escrita, com a qual os indivíduos interagem e realizam práticas sociais, estejam eles alfabetizados ou não. A palavra *letramento* está presente em diversos discursos sobre a educação na contemporaneidade, derivada da palavra inglesa *literacy* e significa “*condição de quem sabe ler e escrever*”. No entanto, a técnica de saber ler e escrever não explica o sentido real de letramento, uma vez que os leitores devem responder adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita, bem como utilizar estas para assimilar e transmitir informação e conhecimento.

O letramento engendrado nesse trabalho é embasado na concepção do historiador Roger Chartier que inova a forma de compreender a produção do conhecimento de uma sociedade que ultrapassa o universo acadêmico.

História Cultural – aqui entendida no sentido de uma história da cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida – que passou a atrair o interesse de historiadores dos mais diversos matizes teóricos desde o último século, inclusive no seio da historiografia marxista. (CHARTIER, 1990).

Sob esse prisma, a finalidade é desenvolver metodologias que valorizem a produção dos discentes engendrados em suas empirias. Em outras palavras, eles devem ser alfabetizados, como também considerados produtores de conhecimento. Nessa perspectiva, o projeto foi desenvolvido segundo o plano de ações dos bolsistas do PIBID, o qual estabelecia o desenvolvimento de atividades relacionadas à leitura e a escrita, a preparação dos estudantes para

elaborarem redações sobre temáticas vivenciadas pelos mesmos e posteriormente, sobre temas sociais.

Vale ressaltar que a alfabetização e o letramento são processos interdependentes, pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) este ensino deve ser fundamentado em compreender e produzir na relação do contexto social, a alfabetização e o letramento faz parte do ensino da língua na própria prática social e a leitura do contexto que o estudante está inserido.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (Soares, 2003, p. 14).

Oficinas e Projeto

Sob esse prisma as oficinas foram desenvolvidas na perspectiva de divulgar as produções dos educandos. O corpo docente propôs a participação da escola novamente no Concurso Internacional de Redação de Cartas, promovido pelos Correios, agora em sua 42ª edição com o tema: “Escreva uma carta a alguém para lhe explicar por que a água é um recurso precioso”, nessa perspectiva, além de promover o desenvolvimento da escrita e leitura, os bolsistas buscaram a conscientização sobre as problemáticas envolvidas na conservação do meio ambiente e estudos sobre a educação ambiental.

As oficinas foram estruturadas em harmonia com a disponibilidade de horários dos educandos, ou seja, em horário extra-classe, com a finalidade de não prejudicar o processo de ensino e aprendizagem embasados no Conteúdo Básico Comum (CBC). Vale ressaltar que essa medida ocasionou algumas desistências na par-

tipicação dos estudantes, pois a escola se localiza em uma região periférica, como também ao fato sociológico do uso do tempo, uma vez que diversos educandos exercem atividades remuneradas após o horário escolar. Contudo, o projeto foi bem elaborado e contempla a maior parte dos educandos que demonstram interesse em participar.

Em diálogos desenvolvidos com os professores da escola, sempre surgiu afirmações unânimes como, por exemplo, “os alunos leem, mas não compreendem ou não interpretam as discussões que são propostas, a leitura deles é muito fragmentada, a maioria, tem muitas dificuldades em ler ou escrever”. Nesse sentido, foram tomadas novas ações que contemplassem o desenvolvimento do senso crítico, na mesma medida em que despertasse o sentimento de identidade, de pertencimento e sujeitos ativos no mundo que vivem. De acordo o autor Praxedes Silva as oficinas são importantíssimas, uma vez que engloba a finalidade proposta no projeto.

As oficinas proporcionaram melhor desenvoltura na formação crítica nos educandos, durante as oficinas foi perceptível à intensidade do acesso a informações que eles têm acesso, porém, os estudantes tem uma percepção de que os conceitos são únicos e imutáveis, além disso, não consideram necessária a análise da fonte ou até mesmo a posição crítica do autor.

Tanto educadores quanto educandos estão inseridos numa realidade mais abrangente do que a sala de aula. Ao adentrarem no campus trazem inscritos em sua subjetividade experiências e saberes incorporados que influem sobre o processo de ensino-aprendizagem. São indivíduos singulares, inseridos na vida em sociedade; influenciados por esta, mas que também podem influenciá-la, tanto no seu projeto como na sua ação política. Portanto, não são apenas ‘indivíduos’ isolados em ilhas de interesses egoístas, mas sim ‘sujeitos’ que precisam se preparar política e culturalmente. Na medida em que vivem em sociedade, são detentores de direitos políticos e sociais e também de deveres perante

esta e os seus semelhantes. Seus valores e formação educacional podem influir positiva ou negativamente.

A literatura favorece a elucidação sobre os valores e práticas que potencializam e/ou dificultam a emancipação humana. Por outro lado, a análise política das obras literárias permite desvendar tais representações e contribui para uma reflexão crítica sobre estas, a política e a sociedade. Como conhecimento dotado de um potencial de incentivo à reflexão, a obra literária pode formular enunciações que atuam sobre as representações dos sujeitos individuais e coletivos, modificando-as, e, assim, manifestando seu caráter pedagógico. (SILVA; PRAXEDES, 2007).

Nessa perspectiva, os envolvidos no processo de ensino voltado para o desenvolvimento da criticidade, devem fazer uso não apenas de obras literárias, fontes jornalísticas, obras de arte e cinematográficas, mas os discursos devem ser analisados, quem o escreve, os porquês, o tempo e a sociedade na qual estão inseridas. As oficinas também auxiliam para uma reflexão voltada para a escola, onde os alunos passam boa parte do tempo. Por isso, foi promovido um espaço, na forma de jornal, onde eles podem dialogar com os problemas da escola, refletir sobre o cotidiano escolar e a comunidade. Conforme Paulo Freire “(...) *A leitura da palavra não é apenas precedida da leitura de mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente*”. (FREIRE, 2005, p. 20).

Os concursos, as oficinas e a elaboração do jornal possibilitaram o enraizamento do exercício linguístico. Em 2013, os bolsistas do PIBID empenhados no projeto, decidiram tornar a oficina fixa, para discutir, problematizar, e principalmente sensibilizar os educandos.

A leitura é, assim, o processo que nos permite interagir com o mundo, armazenar lembranças, produzir novos conhecimentos. Nesse sentido, o ato de ler é vital e não se prende apenas a um dispositivo de leitura, como, por exemplo, o livro. A leitura alimenta a imaginação e o começo desse

processo se inicia com a vida e se encerra com a morte. Do mesmo modo que a linguagem, leitura e memória fixam a experiência adquirida por uma geração para ser transmitida às gerações futuras. (DODEBEI, p.137, 2009).

Resultados

Essas novas metodologias serviram para uma reflexão sobre os cotidianos dos educandos, apoiadas nas experiências vividas através da leitura, uma vez que os mesmos foram impulsionados a identificação com os personagens das obras lidas, estabelecendo a relação com o distante, com o novo, ou com um sentimento próximo, de identificação e pertencimento. Uma vez que a prática da leitura proporciona ao estudante vislumbrar diferentes culturas, distintas concepções, e auxilia na compreensão de textos. Compreender a subjetividade do autor, observar como a sociedade se dialoga com o texto, quais foram os elementos inseridos ou menos-prezados pelo autor e o lugar social. Os educandos com auxílio dos bolsistas e professores participantes, além de devanear através da leitura dos textos, que são lidos em casa e alguns trechos nas discussões em grupo, interagem e refletem sobre os aspectos sociais do tempo vivido.

A escola está inserida na periferia de Uberlândia e possuía um histórico marginalizado, repleto de ocorrências policiais nas dependências da instituição ou nas imediações. Porém, o trabalho realizado na escola, está constantemente mudando essa realidade.

O acesso à informação no mundo contemporâneo é substancial, pois muitos têm acesso à informação, no entanto, poucos têm criticidade para refletir sobre ela. No início do projeto o contexto social que os bolsistas encontraram era distinto dos resultados apresentados pós-projeto, ou seja, os estudantes da Escola Estadual do Parque São Jorge demonstraram que foram alfabetizados, entendiam as normas linguísticas, no entanto, não apresentam concepções formadas, às vezes, alguns apresentaram opiniões de

grupos nos quais estão inseridos, mas durante debates ou mesmo rodas de conversa onde são questionados, não conseguiam justificar suas reflexões.

Portanto, o desenvolvimento desse projeto é importante nas instituições de ensino em geral, pois demonstraram que as novas metodologias despertaram maior interesse por parte dos educandos, como também, dos professores que apresentaram interesse em participar do projeto, uma vez que assistiram melhoras significativas no processo de Ensino-Aprendizagem.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. *A História Cultural* – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

DODEBEI, Vera. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis n. esp., 1. sem. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p129/19839>, acessado 10 de junho de 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

NAIDITCH, Fernando. Literatura multicultural e diversidade na sala de aula. R Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 25-32, jan./abr. 2009.

SILVA, Antonio Ozai da e PRAXEDES, Walter. *Política, Literatura e Educação*. REA 68, janeiro de 2007, acessado em 07 de Junho de 2013 disponível em http://www.espacoacademico.com.br/068/68ozai_praxedes.htm.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Outubro de 2003, acessado em 05 de Maio de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/>.